

Homenagem

Memórias de uma amizade literária

Rafael Torres

O cheiro do café indicava que havia visita na casa da minha avó. Algumas eram rápidas: uma conhecida de passagem que parava apenas para saber se a família estava bem. Outras, porém, aconteciam demoradamente, geralmente no turno da tarde, acompanhadas de café e longas conversas.

As visitas de Moema à casa de minha avó tinham essa segunda característica. Começavam com um “Como você está?” e, por vezes, terminavam em acaloradas discussões sobre política, que quase nunca chegavam a um consenso. No entanto, como boas amigas, a querela se encerrava quando o café terminava. Despediam-se e voltam a se encontrar em outros dias.

Foi nesse contexto que conheci Moema. Muitas vezes, quando eu ia à casa de minha avó, presenciava esses encontros de forma distante, sem participar. Para mim, Moema era apenas uma amiga dela, com quem discutia assuntos em que nunca havia concordância.

Uma nova Moema me foi apresentada quando minha avó comentou que ela sempre perguntava sobre meus estudos no Curso de Letras e estranhava o fato de eu nunca a ter procurado para conversar. Eu não sabia que Moema havia sido professora universitária, ainda mais na área de Letras. Nesse dia, minha avó me entregou o telefone dela e pediu para que eu ligasse para marcar uma conversa, garantindo que Moema ficaria muito feliz. Mal sabia a minha avó que eu também ficaria, pois já estava na metade do curso e ansiava por falar de literatura com alguém que pudesse me ajudar.

Alguns dias depois, tomei coragem e fiz a ligação, ansioso e temeroso, sem saber o que dizer nem como dizer, receoso de parecer inconveniente ou de estar pedindo algo a alguém que só queria descansar. Para minha surpresa, Moema atendeu com alegria e, no mesmo instante, me convidou para ir à sua casa no sábado, às dezesseis horas.

No primeiro encontro, em que cheguei pontualmente, ela me conduziu até o seu escritório. Lembro da admiração e surpresa ao entrar naquele cômodo, como se outra Moema se revelasse diante de mim. Acredito que não consegui disfarçar minhas expressões, pois ela permaneceu em silêncio por alguns instantes, aguardando que eu finalmente dissesse algo. Não me recordo do que falei, mas deve ter sido algo irrelevante. Diante de meu espanto, Moema começou a apresentar sua biblioteca: a ordem dos livros, o cuidado com a limpeza que ela mesma fazia e sua mesa de estudos. Muitos exemplares eram de literatura brasileira do século XX; outros, textos de Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Naquele dia, a conversa se voltou para mim. Moema queria saber em que período eu estava no curso, o que achava das aulas, dos professores, da universidade, da área de literatura e também o que já havia lido. Em seguida, lançou uma proposta: indicar leituras, principalmente de obras literárias, para que pudéssemos conversar semanalmente sobre os textos. Claro que aceitei prontamente. Para começar, ela me entregou a obra completa de João Cabral de Melo Neto e pediu que eu lesse em uma semana, para depois conversarmos sobre ela.

Foi uma semana desesperadora! Como conciliaria os estudos do curso com a leitura de uma obra completa em tão pouco tempo? Na época, eu ainda trabalhava, tinha uma bolsa de estudos na universidade e estudava à noite. Mas não havia como negar o pedido de Moema (que, para mim, soava sempre como uma ordem). Se eu não lesse o que ela havia solicitado, sentiria que não estava me esforçando o suficiente

para adquirir conhecimento. Decidi, então, deixar o emprego, manter a bolsa de estudos e me dedicar às leituras propostas.

No encontro seguinte, após ter realizado a leitura completa, conversamos de forma leve, espontânea e agradável sobre a obra. Moema não queria que eu me preparasse para um teste sobre João Cabral, mas que desenvolvesse o gosto pela leitura literária, adquirindo experiência de leitura e conhecimento acerca da grandeza da nossa literatura brasileira. Intercaladas às leituras de poemas, romances e contos, ela me passava textos teóricos e críticos de Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Seguimos esse trajeto de leituras semanais, passando por João Cabral, Carlos Drummond, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Rubem Fonseca e Machado de Assis. A cada sábado que se encerrava, sentíamos a necessidade de prolongar nossos encontros.

Houve um dia em que começamos às 14 horas. Recordo que conversávamos sobre a obra completa de engenhos, de José Lins do Rego, que, como sempre, eu tinha apenas uma semana para ler. Nesse dia, houve apenas uma pausa, quando Moema pediu licença para beber um copo d'água. A conversa seguiu até não podermos mais enxergar um ao outro. Já passava das 18 horas, e não havíamos percebido o anoitecer. Ela acendeu as luzes, e prosseguimos até às 19h30. Era um vício, uma obsessão, um prazer, uma diversão, um verdadeiro regozijo aqueles momentos em que falávamos sobre literatura. Queríamos sempre mais. Eu me alimentava de sua experiência, de seus conhecimentos, de seus livros, de suas histórias. Ela, por sua vez, nutria-se da minha voracidade, da minha ambição, do meu progresso.

Eu estava no penúltimo período do curso quando comuniquei a Moema que pretendia dar continuidade aos estudos acadêmicos e realizar o mestrado. Ela recebeu a notícia com alegria e entusiasmo, ansiosa em ajudar. Começamos, então, a leitura de autores contemporâneos em busca de um objeto de estudo. Moema me apresentou Chico Buarque, por meio de *Estorvo*, Benjamin e Budapeste, e, paralelamente, exigiu a leitura de Os mecanismos estéticos da modernidade em *Estorvo* e *Benjamin*, dissertação da professora Maria Analice Pereira da Silva.

Fiquei maravilhado com todas as leituras e tive a certeza de que também queria estudar um romance de Chico Buarque. Decidimos, então, que seria Budapeste, e iniciamos o estudo das obras e textos indicados por ela. Conquistei a vaga no mestrado e concluí a dissertação conforme havíamos planejado juntos.

Tristemente, Moema não pôde acompanhar todo o meu progresso nos estudos literários. Ainda assim, sempre que leio um texto de literatura, uma crítica ou um teórico, sinto sua presença nas minhas reflexões: ouço suas broncas, discordâncias, elogios e orientações.

Definitivamente, Moema surgiu para mim como uma professora. Sua vocação era natural em nossos encontros, nas conversas, nas leituras compartilhadas, como se o ato de ensinar fosse uma extensão de sua própria existência. Ela não apenas me ensinava literatura, mas me conduzia a ler o mundo, a questionar e a construir novos sentidos a partir da palavra. Exigente, generosa, inquieta, sempre me provocava a superar meus limites. Por isso, sua presença se mantém viva; seus ensinamentos não terminaram, mas se perpetuam em cada pessoa que formou, em cada reflexão que inspirou, em cada caminho que ajudou a trilhar.

Como orientadora, Moema não era fácil. Exigia esforço, disciplina e hombridade intelectual. Apesar de firme, nunca foi autoritária, pois sabia ouvir, provocar e, sobretudo, despertar o sentimento de responsabilidade pela pesquisa. Não havia respostas prontas; em vez disso, fornecia as ferramentas, por meio dos livros, para que eu buscasse meu próprio conhecimento. Sua generosidade também se revelava no

cuidado ao compartilhar seus livros (sempre com a recomendação de devolvê-los) e no acompanhamento atencioso de cada passo meu, como se fosse dela. Orientar, para Moema, era dialogar, uma forma de viver a literatura, um crescimento mútuo.

Moema, acima de tudo, era uma amiga. Ria de mim e comigo, discordava com firmeza quando necessário, aconselhava com sinceridade e celebrava com entusiasmo cada conquista. Nossa amizade era sincera, com zelo e humanidade. Eu sentia que ela gostava de compartilhar seu espaço comigo, dedicar seu tempo às conversas sobre literatura e transformar todos os nossos encontros em memórias agradáveis e inesquecíveis.

O legado que Moema deixou em mim é imensurável. Ela sempre será uma fonte de inspiração, por sua dedicação e paixão pela literatura. Suas provocações, risos, repreensões e incentivos ao pensamento crítico deixaram saudades. Em cada livro que leio, em cada análise que escrevo, em cada reflexão que faço, sinto sua presença. Assim como a literatura, Moema atravessou minha vida e a ressignificou. Guardo em mim a certeza de que ela permanece viva e atuante em tudo que me tornei.